

## O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA INDUSTRIAL E O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

### META

Apresentar características da cidade contemporânea e suas principais mudanças nas relações econômicas, sociais e urbanas após a Revolução Francesa e a 1ª Revolução Industrial.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

entender as transformações que ocorreram no processo de produção das forças produtivas do século XVIII ao século XIX.

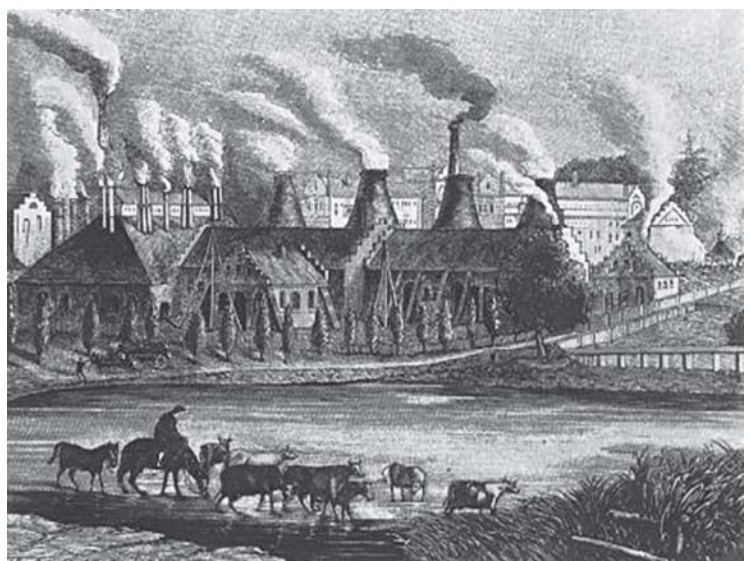
reconhecer as transformações ocorridas no desenvolvimento urbano mundial, a partir do século XVIII, com a ocorrência da Revolução Francesa e da 1ª Revolução Industrial.

estudar as mudanças na divisão social do trabalho e nas técnicas de produção das cidades européias que favoreceram o surgimento da rede urbana.

descrever, de forma geral, o processo que determinou a estruturação da hierarquia urbana.

### PRÉ-REQUISITOS

Entender o processo de desenvolvimento das relações sociais de produção do século XVI ao XVIII e o crescimento urbano, com as transformações que ocorreram nas relações econômicas e políticas nesses períodos históricos.



(Fonte: <http://br.geocities.com>).

## INTRODUÇÃO

### O QUE É O CAPITALISMO INDUSTRIAL?

Olá, meus alunos,

Nesta aula iremos estudar o processo de passagem do modo de produção capitalista comercial e manufatureiro para o capitalismo industrial. Para exemplificar como isso ocorreu, vamos destacar várias transformações que se verificaram nessa fase, no sentido cultural, nas técnicas de produção e nas questões econômicas da Europa, nos séculos XVIII e XIX. Tais mudanças modificaram as relações sociais de produção, a estrutura urbana das cidades e suas regiões. Isso já vinha ocorrendo desde o advento da manufatura, mas outros motivos fizeram com que fosse intensificado tal processo. Assim, a população passou por necessidades de se adaptar às novas técnicas de produção, o que fez aumentar mais ainda o interesse em morar nas cidades ou em regiões na periferia da cidade. Ocorreram também, mudanças na qualificação da mão-de-obra, nas técnicas de produção usadas na transformação da matéria-prima, no aumento da produção, crescimento dos mercados e o reordenamento do espaço construído. Tais mudanças fizeram com que a necessidade da compra de mercadorias fosse cada vez maior. Com a ampliação do mercantilismo, a classe dominante européia, que era constituída pela monarquia, fazia com que os trabalhadores fossem cada vez mais explorados, com mais de dez horas de trabalho diário, com aumento de taxas e impostos. Além dos camponeses e dos novos habitantes da cidade, a burguesia também não suportava mais tantos impostos.

A França não conseguia se igualar às condições econômicas da Inglaterra, pois este país só crescia; assim, era necessário acabar com o absolutismo francês, regime que permitia ao rei deter todo o controle do Estado. Com a Revolução Francesa, em 1789, que tinha como lema ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, ocorreram várias transformações de ordem política, o que acelerou o fim do absolutismo e, conseqüentemente, favoreceu a ascensão da burguesia ao poder político e econômico. Neste sentido, foi sendo consolidada a relação de produções capitalistas industriais. Posteriormente, com o advento da Revolução Industrial, essas mudanças se multiplicaram.

## O CAPITALISMO INDUSTRIAL

Nesta aula, vamos entender como ocorreu a passagem do capitalismo comercial e manufatureiro para o capitalismo industrial. Você observou que os vários acontecimentos de ordem política, econômica e social fizeram com que as cidades tivessem outra perspectiva urbana? Entre os acontecimentos históricos mais importantes, podemos citar a Revolução Francesa, que foi considerada o marco de passagem do capitalismo comercial e manufatureiro para o capitalismo industrial, ou seja, da mudança da fase “manufatureira” para a “maquinofatura”. As atividades realizadas pelas mãos dos artesãos vão deixando lugar para participação das corporações de ofício, com a manufatura e depois com a participação das máquinas, o que imprimiu uma maior produtividade e, conseqüentemente, mais exploração do ser humano. A Revolução Francesa provocou o fim do absolutismo francês e a renovação dos ideais de igualdade e liberdade. As mudanças que ocorreram no sistema fabril/ manufatureiro fizeram com que ocorressem alterações nas relações de trabalho na cidade que estava se industrializando.

Vários movimentos de independência ocorridos na América latina marcaram uma ampliação da influência da Revolução Industrial e da Revolução Francesa ocorridas no séc. XVIII. Com a independência dos Estados Unidos e as várias transformações técnicas e sociais ocorridas na Europa e em várias regiões, foi sendo estimulada, mais ainda, a migração do campo para as cidades; assim, segundo Maria Encarnação, o processo de urbanização foi crescente na Europa, a partir da Revolução Industrial, quando ocorreu um aumento significativo da sua população, de forma geral. Entretanto, foi na Inglaterra que a população urbana aumentou com mais intensidade, em relação à população rural. No século XIX, já existia, na Inglaterra, uma concentração populacional considerável, como é citado pela autora:

O melhor exemplo da urbanização foi, sem dúvida, o da Inglaterra, primeiro espaço de desenvolvimento pleno do capitalismo industrial. No começo do século XIX a proporção de pessoas nas cidades de mais de cem mil habitantes era da ordem de 10%, sendo que quarenta anos depois era de 20% - aumento grande se comparado ao crescimento observado no século anterior para a Europa. (SPOSITO, 2001, p.49).

## O QUE ENTENDEMOS POR REGIÃO?

Com o processo de urbanização crescente, o termo Região começou a ter outra interpretação. Inclusive CORRÊA (2007), no seu livro “Re-

gião e Organização Espacial,” escreveu um capítulo sobre Região, descrevendo a sua complexidade. Neste capítulo, o autor descreve o conceito de geografia natural e de determinismo ambiental, revelando a influência da natureza sobre a delimitação da região. No final do século XIX, mediante o capitalismo na sua fase imperialista, ocorre uma reorientação do conceito de região. O neocolonialismo aprofunda o domínio dos países europeus, nas Américas, na Ásia e na África. Com avanço dos meios de transportes e comunicação, a região perdeu o sentido natural, onde a natureza influenciava os limites territoriais. A partir do final do século XIX e início do século XX, começaram a surgir as teorias sobre o possibilismo, e a região tomou outro significado.

“ Com diferenças em maior ou menor grau, essas idéias aparecem na França no final do século passado com Paul Vidal de la Blache, na Alemanha da primeira década deste século com Otto Schlüter, e nos Estados Unidos, em 1925, com Carl Sauer, que se inspirou nos dois mencionados autores.” (CORRÊA, 2007, p.28).

No entanto, surgiram outros conceitos sobre região, visto que o espaço geográfico estava passando por inúmeras transformações e as teorias empíricas de Vidal de la Blache foram recebendo críticas.

O conceito vidaliano de região recebeu inúmeras críticas de Lacoste e de Claval. O primeiro dos geógrafos franceses comenta que na escolha dos elementos que se combinam há uma seletividade que considera apenas os antigos, de longa duração, desprezando os elementos de origem recente. Isto significa que, implicitamente, concebe-se a região como uma entidade acabada, concluída. ...A concepção vidaliana de região implica uma postura empirista, na medida em que ela é vista como algo dado, auto-evidente. Finalmente, a idéia de harmonia não é adequada às sociedades estruturadas em classes sociais. (Idem, p.31).

## O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

No decorrer do século XX, novas idéias surgiram como a ‘Nova Geografia’, agora, segundo o autor citado, fundamentada no positivismo lógico. Na década de setenta, surgem questionamentos sobre a Geografia tradicional, agora com as novas idéias da ‘Geografia crítica’ que, segundo CORRÊA (2007), passaram a utilizar o materialismo histórico e a dialética marxista. Alguns autores são citados tais como Lipietz, Villeneuve, Dulong e no Brasil podemos citar alguns como Aluizio Duarte e Chico de Oliveira.

Com o desenvolvimento industrial e a utilização de novas técnicas de produção, a população camponesa, em busca de melhores condições de vida, migra mais ainda para as cidades. Contudo, o que esta população

não sabia era que ela seria utilizada como mão-de-obra barata para as classes detentoras dos meios de produção, visto que teriam que se enquadrar nas novas habilidades inerentes às atividades realizadas nas cidades. O processo de produção industrial era crescente e a necessidade de mão-de-obra barata também. Para isto vinham as massas de camponeses em busca de qualquer ocupação que ajudasse na sua sobrevivência.

Inicialmente, as primeiras indústrias se localizavam nas cidades e ao redor delas, mas, com a necessidade de uma área maior para construir as indústrias e de matéria-prima, a maioria das indústrias do século XIX em diante passaram a ser localizadas nas áreas perto das fontes de matérias-primas. Assim, várias cidades surgiram em volta das indústrias e a população destas novas cidades foi aumentando cada vez mais, com o processo de urbanização. Com isso, começou a ocorrer a formação e exploração de uma classe operária urbana emergente. Portanto,

“inúmeras cidades surgiram e/ou se desenvolveram durante o século XIX, próximas as regiões carboníferas, não somente na Inglaterra, como na bacia do Ruhr (Alemanha), do Donetz (Rússia) e na Silésia (Polônia)”. (Idem, p.52).

Após o século XIX, descrito por SPOSITO (2001), ocorreram mudanças estruturais na função das cidades que provocaram mais ainda a especialização de sua mão-de-obra, o que fomentou a estruturação de uma **rede urbana** especializada e concentrada. Isto fez com que se formasse, como dizia Karl Marx, “um exército industrial de reserva”. Todavia, a questão é que as cidades, em tamanhos diferentes, tinham também uma população com características distintas, o que fez com que o processo de divisão social do trabalho fosse diferenciado, mas, no geral, as novas técnicas de produção foram se igualando conforme o sistema produtivo capitalista determinasse. Por outro lado, em cada centro urbano que comandava várias cidades menores, havia uma determinada especialização, quer pelo tipo de indústria que existia na cidade, quer pelo grau de importância dessas indústrias. Nesse processo foi gerada, também, uma divisão territorial do trabalho.

### Rede urbana

Segundo MOREIRA e SENE, (2002)“ A rede urbana é formada pelo sistema de cidades, no território de cada país, interligadas umas as outras através dos sistemas de transportes e de comunicações, pelos quais fluem pessoas, mercadorias, informações, etc.”

Essa necessidade de uma mão-de-obra mais “qualificada” foi aprofundada com a especialização dos transportes e das comunicações. Com a construção da rede ferroviária, a ligação entre as cidades de tamanhos e estrutura urbana diferentes ficou mais intensa e muito mais rápida. Isto gerou uma multiplicação de redes urbanas, que foram diferenciadas, pelo seu grau de importância econômica e industrial. Assim, foi sendo estruturada a rede de hierarquia urbana até formar as metrópoles, como foi descrito pela mesma autora a seguir:

Com o modo de produção capitalista assim se desenvolvendo, a rede urbana foi se constituindo hierarquicamente, tendendo à formação de grandes aglomerados urbanos – as metrópoles – espaços de concentração de capital, de meios de produção, e locus da gestão do próprio modo de produção. (Idem, p.54) (Grifo nosso).

Após essas transformações, ocorridas entre o final do século XIX e início do XX, as relações de produção se aprofundam e os senhores capitalistas industriais buscam novas formas para manter e aumentar seus lucros nas indústrias e nas fábricas. Entre essas novas exigências, os patrões buscaram exigir mais e mais o aumento da produtividade, com o policiamento das atividades dos operários nas fábricas, inicialmente, e posteriormente também, em suas rotinas diárias, mesmo na hora de folga e fins de semana. Esta exploração da força de trabalho dos operários gerou a mais-valia (citada por Karl Marx) de forma que a compra dos instrumentos de produção, citado também por SPOSITO, como a matéria-prima, as ferramentas, as máquinas e a força de trabalho, estavam embutindo o lucro cada vez maior. Assim, o trabalhador, que era o artesão (com a “propriedade” da sua força de trabalho) passa a ser também parte da produção, ou seja, mesmo que receba por hora extra, ele não tem liberdade para escolher em que vai trabalhar e onde vai trabalhar.

Há registros referentes à primeira metade do século XIX, que apontam para jornadas de trabalho de até 16 horas diárias na Inglaterra, incluindo-se o trabalho de mulheres e crianças, que precisavam também vender sua força de trabalho para garantir a sobrevivência familiar.(Idem, p.48).

O operário trabalha sem condições adequadas, e com o que recebe não é efetivamente pago; assim, é gerada a mais-valia absoluta. Além desta, existe também a mais-valia relativa, em que além de sua força de trabalho, o industrial e os donos das fábricas passam a utilizar as máquinas, o que aumenta mais ainda a produção, com mais rapidez, padronização e qualidade dos produtos. Neste contexto com a inclusão da máquina a vapor, por exemplo, nesta época, foi aprofundada a mais-valia, agora denominada por Marx de mais-valia relativa. A exploração e o lucro dos empresários não estavam apenas na utilização da mão-de-obra barata,

mas com a participação das máquinas, no processo produtivo, o trabalhador torna-se duplamente expropriado. Primeiro, em relação a sua força de trabalho, que era independente e, depois, a partir da utilização de sua força de trabalho na operação das máquinas, não recebendo mais por isso. Ou seja, mesmo tendo outra qualificação o operário industrial continuava recebendo muito abaixo do que realmente merecia. Neste sentido é que, para facilitar o entendimento da mais-valia, utilizamos a historinha em quadrinhos, ou seja, a charge a seguir, em que é demonstrada de maneira resumida a exploração do trabalhador da indústria, na década de 70, quando é revelado o exemplo de um ciclo básico de exploração.



História em quadrinhos, onde revela a exploração do trabalhador. (Fonte: Hanecker, 1979, p. 69).

### Semi-escravos

Conceito definido pelo autor, para designar os povos que têm uma falsa liberdade, pois as suas vidas são definidas pela decisão dos governantes dos países dominadores, definidos como desenvolvidos. No caso do Brasil, por exemplo, os trabalhadores atuais, cumprem horário de trabalho, são obrigados a fazer hora extra, mas não têm condições de se alimentar de maneira adequada, nem de cuidar de sua saúde. Neste sentido sua força de trabalho é muito explorada, eles não têm correntes nos pulsos e pernas, mas eles não têm liberdade, de pensar, agir e viver dignamente).

Agora, vamos citar outros fatos que fizeram aprofundar as relações capitalistas de exploração entre os países dominantes e o ‘resto do mundo’. Para que isto se aprofundasse, ocorreu o neocolonialismo, que foi a partilha de colônias na África, Ásia, Índia e outros territórios a partir do século XIX. As nações dominantes, tentando evitar mais guerras e gastos, e também por ganância, buscaram se entender realizando, entre outras tentativas, “a conferência de Berlim”, onde decidiram partilhar vários territórios africanos, impondo seu poder militar e ideológico, fazendo aprofundar a dependência desses povos para com eles, tornando o povo desses territórios submissos “**semi-escravos**”.

Estes fatos podem ser exemplificados com a dominação da Inglaterra sobre a Índia, (ver filme a vida de Mahatma Gandhi) onde até a língua oficial era o inglês. Os indianos eram tratados como servos ou mesmo escravos em seu próprio país. Contudo, com a influência do grande líder político Gandhi, o povo indiano vislumbrou uma nova vida, mas com várias revoltas e sofrimentos vários, alcançando até sua independência política, muitos anos depois, em 1947.

Nos países africanos também ocorreram várias arbitrariedades contra suas populações e em prejuízo de seus territórios. Os territórios foram fragmentados, negociados e cedidos sem levar em consideração o interesse de suas populações. Esses territórios eram saqueados no que tinham de melhor, nas suas riquezas naturais, na sua cultura, no seu artesanato, na sua fauna e flora etc. Foram inúmeras as formas de crimes cometidos com esses povos, que fizeram com que o poderio econômico e militar das nações dominantes, conhecidas como “metrópoles” européias, aumentasse cada vez mais, em detrimento das regiões e dos países colonizados por exploração.

O processo de urbanização foi sendo intensificado, à medida que eram criadas outras formas de controle da produção. Mais tarde o capitalismo industrial passou para outro patamar mais intenso de exploração, que é o capitalismo financeiro internacional. Assim o mundo estava sendo globalizado e as relações comerciais eram definidas pela economia mundial comandada pelos grandes grupos industriais, formados por extensas redes e conglomerados de indústrias, conhecidas como cartéis, trustes e holding.

No século XX, estas relações de produção vão ser intensificadas em todas as regiões mundiais e, principalmente, a partir do momento em que o modo de produção capitalista passa para a sua fase monopolista ou imperialista.



## CONCLUSÃO

Neste capítulo estudamos o processo de consolidação do capitalismo industrial. Analisamos como o modo de produção capitalista passou para a fase industrial e como isto foi sendo refletido nas cidades em todo o mundo. O processo de desenvolvimento de relações sociais de produção foi acompanhado pelo desenvolvimento desigual das cidades mundiais. Os países centrais, inicialmente comandados pelo bloco europeu, foram articulando e estruturando as mudanças necessárias para a reprodução do grupo econômico e político que se mantinham no poder. Em tal processo, as inovações técnicas foram implantadas nos centros urbanos maiores e assim passadas para os centros menores. As mudanças nas cidades ocorreram desde o plano arquitetônico, na estrutura básica (esgoto, saneamento, iluminação, ruas, etc), no formato e nos tipos de cidades. Uma passaram a exercer funções administrativas, outras bancárias e outras industriais. Mas os grandes centros urbanos detinham todas as funções, além destas citadas, como também comandavam as inovações tecnológicas e interferiram nas relações de trabalho, que foram sendo, obrigatoriamente, repassadas para os demais centros menores e depois para algumas cidades que conseguiam crescer dentro desta estrutura. Analisamos também como o processo de industrialização estimulou a grande urbanização. Assim a concentração populacional passou a ser maior, e de forma definitiva e crescente, nas áreas urbanas em detrimento das áreas “rurais”. Com o processo industrial crescente o camponês e o artesão perdem a importância na escala produtiva. Agora, os moradores das cidades, passam a ser assalariados, despossuídos tanto de liberdade, quanto de condições econômicas. Passam a pertencer a um “exército industrial de reserva” que era crescente à medida que os centros cresciam, as indústrias se proliferavam no mundo. O processo de urbanização foi sendo intensificado a medida em que eram criadas outras formas de controle da produção. Mais tarde o capitalismo industrial passou para outro patamar mais intenso de exploração, que é o capitalismo financeiro internacional. Assim o mundo estava sendo globalizado e as relações comerciais eram definidas pela economia mundial comandada pelos grandes grupos industriais, formados por extensas redes e conglomerados de indústrias, conhecidas como cartéis, trustes e **holding**.

**Holding**

O moderno conceito de holding é uma posição filosófica. É principalmente uma atitude empresarial. Enquanto as empresas, chamadas operadoras estão preocupadas com o mercado em que atuam, com as tendências do cliente, com a concorrência e com outros problemas externos, a holding tem uma visão voltada para dentro. Seu interesse é a produtividade de suas empresas controladas e não o produto que elas oferecem”.

### RESUMO

Neste capítulo foi estudado como o modo de produção capitalista passou da fase manufatureira para a fase industrial. Identificamos acontecimentos históricos, tais como a Revolução Francesa e a 1ª Revolução Industrial, que tiveram decisiva participação no processo de desenvolvimento das forças produtivas, em detrimento das relações sociais de produção. Observamos que o desenvolvimento industrial favoreceu um grande crescimento urbano e a formação de uma rede urbana. A população, neste período, passou a se concentrar mais e mais nas cidades e em suas periferias que se multiplicavam com o processo de **urbanização**.

Os trabalhadores do campo, agora se fixando nas cidades, passaram a ser assalariados. Foram aos poucos se enquadrando (forçadamente) nas exigências do mercado industrial. As fábricas foram sendo multiplicadas e suas localizações agora estavam próximos às fontes de matéria-prima, onde se tornava mais barata, com menor custo de transporte e com o lucro crescente. A exploração da classe operária, nas fábricas e nas indústrias, a cada dia é mais intensa, com os turnos de trabalho que “entravam” pela noite, sem parar um só um minuto. Isto fez com que os grandes conglomerados industriais fossem aprofundando a expropriação de uma classe que passava a formar “um exército industrial de reserva”.

Assim a estruturação de uma rede de **hierarquia urbana** foi delineada, e os centros menores passavam a ser comandados pelos maiores. A cidade contemporânea passa a ter todos os serviços necessários à reprodução e ao consumo de uma classe privilegiada. A metrópole reina na escala econômica, em todos os níveis, quer em nível mundial, regional ou local.

### ATIVIDADES

Os alunos deverão escrever um artigo, que demonstre o conteúdo estudado desde a primeira aula, com o modo de produção primitivo, até o fim do conteúdo desta aula, explicando a efetivação do modo de produção capitalista e a evolução do processo de urbanização mundial.

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Sugiro que vocês assistam ao filme a vida de Mahatma Gandhi, em que é demonstrado o processo de colonização Britânica sobre a Índia, e os problemas enfrentados pelos indianos, na tentativa de verem o seu país reconhecido como nação soberana.

Nesta aula, nos concentramos em poucos autores, mas vamos

#### Urbanização

Segundo o autor, é o processo de crescimento das populações urbanas, consequente do deslocamento das populações das áreas rurais para as áreas urbanas, ou seja, é o crescimento da população urbana consequente do êxodo rural.

#### Hierarquia urbana

“Corresponde à influência que exercem as cidades maiores sobre as menores. O IBGE identifica no Brasil a seguinte hierarquia urbana: metrópole nacional, metrópole regional, centro submetropolitano, capital regional e centros locais. In: <http://pessoal.educacional.com.br/up/>”.

exemplificar uma outra abordagem de como estudar o desenvolvimento das forças produtivas na cidade. Exploramos de maneira mais detalhada a autora Maria Encarnação Sposito, porém precisamos aprofundar o tema com novas leituras e com outros autores, para uma abordagem mais diversificada. Utilizamos também Henry Lefebvre e recomendamos a sua leitura, para entendermos melhor a relação do cidadão com a vida urbana.

Surgiu a leitura do poema de César Verde.

Ave-Maria, Noite fechada, Ao gás e Horas mortas.



### PRÓXIMA AULA

Na próxima aula vamos estudar a fase mais atual do capitalismo, com a estruturação do capitalismo monopolista internacional.



### AUTO-AVALIAÇÃO

Fui capaz de compreender como se deu a passagem do capitalismo manufatureiro para o capitalismo industrial? Posso entender agora as relações de produção no capitalismo industrial? Ficou claro para mim o que ocorreu com o processo de formação das cidades na zona urbana?

### REFERÊNCIAS

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

SPOSITO, Maria Encarnação. **Capitalismo e urbanização**. 11 ed. São Paulo: contexto, 2001.